

A LEITURA ECOLÓGICA DA PROPRIEDADE ORGÂNICA.

Afonso Peche Filho*

Ana Maria Primavesi chamou atenção para uma distinção fundamental: uma produção pode ser orgânica e, em determinadas circunstâncias, não funcionar ecologicamente. A observação parece contraditória apenas quando se considera agricultura orgânica e agricultura ecológica como expressões não equivalentes. Em certas circunstâncias, como observou Primavesi, elas podem representar dimensões diferentes do sistema produtivo. Não basta ser orgânico como uma condição de produção; funcionar ecologicamente é uma condição do agroecossistema. A agricultura orgânica pode ser definida por normas, práticas e restrições ao uso de determinados insumos; mas tem que levar em conta, o que nem sempre ocorre, a maneira como solo, água, plantas, biodiversidade e paisagem interagem e sustentam os processos responsáveis pela produção.

Essa distinção modifica profundamente a maneira de avaliar uma propriedade orgânica. A substituição de fertilizantes minerais altamente solúveis por fontes orgânicas, ou de determinados defensivos sintéticos por produtos permitidos na agricultura orgânica, representa avanço importante, mas não assegura, isoladamente, funcionalidade ecológica. Um sistema pode utilizar insumos autorizados e ainda apresentar solo descoberto, compactação, erosão, baixa infiltração, simplificação biológica ou dependência crescente de intervenções externas. Por isso, a avaliação precisa avançar dos insumos utilizados para os processos que estão ocorrendo.

É nesse contexto que ganha importância a leitura ecológica da propriedade. Ela pode ser definida como a capacidade de observar, reconhecer e interpretar os sinais por meio dos quais o agroecossistema manifesta seu estado, suas limitações e sua trajetória. O princípio é simples: todo sistema agrícola produz informações. Cobertura do solo, agregação, porosidade, raízes, organismos, infiltração, enxurradas, vigor vegetal, decomposição de resíduos e organização da paisagem constituem manifestações que, quando relacionadas entre si, formam uma verdadeira linguagem do agroecossistema.

O solo constitui o primeiro campo dessa leitura. Mais do que suporte para as culturas, ele desempenha funções relacionadas ao armazenamento de água, crescimento radicular, ciclagem de nutrientes, atividade biológica e regulação dos fluxos. Sua qualidade não pode, portanto, ser avaliada exclusivamente pela análise química. Estrutura, agregação, porosidade, friabilidade, resistência, presença de raízes, bioporos, matéria orgânica e fauna edáfica revelam diferentes dimensões de sua funcionalidade.

A água constitui um segundo campo essencial. Uma propriedade ecologicamente funcional não deve apenas possuir água disponível; precisa apresentar condições para interceptar, infiltrar, armazenar e regular seus fluxos. Onde a chuva rapidamente se transforma em enxurrada, erosão ou transporte de sedimentos, o agroecossistema está manifestando alguma limitação em sua organização pedohidrológica. Cobertura vegetal, estrutura do solo, relevo, estradas, carregadores e posição das áreas produtivas precisam, então, ser avaliados conjuntamente.

As plantas também participam dessa linguagem. Vigor, coloração, uniformidade, arquitetura radicular, profundidade de exploração do perfil e respostas ao estresse

forneem informações sobre as condições ambientais. Entretanto, um sinal isolado raramente é suficiente para estabelecer diagnóstico. Raízes superficiais, por exemplo, ganham significado quando relacionadas à resistência do solo, disponibilidade hídrica, estrutura e histórico de manejo.

A biodiversidade amplia ainda mais a leitura. Organismos do solo, plantas espontâneas, polinizadores, inimigos naturais, decompositores, vegetação nativa e corredores ecológicos não constituem simplesmente elementos adicionais da propriedade. Participam ativamente da decomposição, ciclagem de nutrientes, formação estrutural do solo, polinização, controle biológico e manutenção de habitats. A questão central deixa de ser apenas quanto de biodiversidade existe e passa a incluir quais funções ecológicas ela está desempenhando.

Por fim, a paisagem integra essas manifestações. Uma propriedade pode apresentar talhões bem manejados e, simultaneamente, estradas que concentram enxurradas, áreas úmidas degradadas ou fragmentos de vegetação desconectados. A leitura ecológica precisa, portanto, avançar da planta para o solo, do solo para o talhão, do talhão para a vertente e da propriedade para a microbacia.

Nesse processo, transforma-se também o papel do agricultor. Ele deixa de ser apenas aplicador de práticas e insumos e passa a atuar como intérprete do funcionamento do agroecossistema. Observa, registra, relaciona sinais, identifica processos, intervém e acompanha as respostas.

A leitura ecológica pode ser sintetizada na sequência:

observar → registrar → relacionar → interpretar → diagnosticar → manejar → monitorar → reinterpretar.

Essa talvez seja uma das diferenças fundamentais entre simplesmente produzir organicamente e construir um agroecossistema ecologicamente funcional. A organicidade informa como determinados produtos e práticas são utilizados; a ecologia revela como o sistema está funcionando. E é justamente nessa passagem, da conformidade das práticas para a compreensão dos processos, que a agricultura orgânica pode aprofundar sua vocação agroecológica.

*Pesquisador Científico do Instituto Agrônomo de Campinas – IAC.